



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## INDÍGENAS TENTEHAR EM DEFESA DA FLORESTA NA AMAZÔNIA MARANHENSE<sup>1</sup>

Leandro Araújo da Silva<sup>1</sup>; Joaquim Shiraishi Neto<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Maranhão, leandro.araujo@discente.ufma.br

<sup>2</sup> Universidade Federal do Maranhão, joaquim.shiraishi@ufma.br

GT 06 – Conflitos socioambientais: experiências práticas e narrativas de resistências

### RESUMO

O trabalho analisa atuações de defesa da floresta realizadas pelo povo indígena Tentehar da Amazônia maranhense, Brasil, em movimentos denominados Guardiões da Floresta. O objetivo é investigar como o referido povo aciona a defesa do território e da natureza em contextos de contatos e tensões com projetos diversos que adentram/invadem seu território. Inspirado numa proposta de etnografia multissituada foram analisados diversos depoimentos indígenas, coletados em ações realizadas por eles, e dados produzidos por organizações indígenas e indigenistas. Observa-se a construção de experiências indígenas de defesa da floresta no contexto da denominada emergência climática, e das relações capitalistas, que têm levado à degradação do seu território. Os tentehar constroem um entendimento indígena sobre essas relações e propõem ações para o enfrentamento delas, além disso, introduzem um modo indígena tentehar de entender o mundo.

**Palavras-chave:** povo Tentehar; Guardiões da Floresta; Amazônia maranhense.

### Destaques

- Organizado em grupos Guardiões da Floresta, o povo Tentehar realiza ações de proteção do território para combater invasões de madeireiros, caçadores e outros criminosos.
- Os Guardiões da Floresta são grupos de mulheres e homens, lideranças e guardas florestais que constroem ações e agendas de fiscalização e defesa no e a partir do território, e articulam a luta desde as aldeias a outros espaços.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – PDSE EDITAL Nº 30/2023.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

- Os tentehar propõem outro entendimento sobre a realidade e as relações que os modernos denominam como natureza.
- Os tentehar buscam retomar seu território, denominado ancestral, e sua política de relação com ele.

## INTRODUÇÃO

O povo Tentehar habita o Território Indígena (TI) Araribóia, localizado no estado do Maranhão, região Nordeste do Brasil, em sua maior extensão na Amazônia maranhense, que é parte da denominada Amazônia Legal brasileira. São cerca de 413.288 hectares, demarcados em 1982 e homologados em 1990, dos quais a maior parte corresponde ao bioma Amazônico e uma pequena porção ao bioma Cerrado (ISA, [2024]). Além dos tentehar, o território é habitado por grupos Awá-Guajá, sendo um deles denominados isolados, pelos órgãos estatais e organizações não governamentais (ONG).

O referido território é alvo de uma série de invasões realizadas por agentes diversos com objetivos como instalação de fazendas de criação de gado, extração de madeira, caçadas etc. Conforme dados da rede Mongabay (Mendes, 2024) e dos recentes relatórios anuais do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) nos últimos anos as invasões, o desmatamento, o avanço da pecuária e outras violências têm aumentado no TI Araribóia e no entorno dele.

As lideranças tentehar relatam/denunciam constantes ações de invasões de madeireiros, com abertura de ramais ilegais dentro do TI. Os relatos foram confirmados pelo monitoramento do Sirad-I, do Instituto Socioambiental (ISA), que, ao longo do ano de 2022 identificou por imagens de satélite 195 hectares de desmatamento no TI Araribóia. Dados do relatório do Instituto Socioambiental (ISA) (2023, p. 11) apontam que “essa quantidade de área degradada corresponde a aproximadamente 105 mil árvores adultas derrubadas”.

Há dados de que em 2020, indígenas do grupo Guardiões da Floresta identificaram uma fazenda de gado dentro do território e denunciaram que mais de 140 hectares já foram desmatados na fazenda, que fica ao lado da Aldeia Lago Branco (Cimi, [2021]). Tais atividades preocupam os tentehar, que mobilizam um conjunto de instrumentos, parceiros e ações em luta na defesa de um território livre.

Os tentehar construíram grupos de mulheres e homens, lideranças políticas e guardas florestais autodenominados Guardiães da Floresta e Guardiões da Floresta, que constroem ações e agendas de fiscalização e defesa no e a partir do território, articulando a luta desde as aldeias



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

e territórios a outros espaços de reivindicação, negociação e construção de ações. Nesse contexto, as ações dos tentehar na proteção do território, e que compõem o que denominamos de movimentos indígenas tentehar, confrontam as ações de invasores que provocam danos diversos ao povo, à floresta e ao território.

Diferentemente da noção moderna de natureza, entendida como exterioridade ao humano e como recurso a ser explorado economicamente (De La Cadena, 2019; Latour, 2019), presume-se que os tentehar propõe outro entendimento sobre a realidade e as relações que os modernos denominam como natureza, e sobre os relacionamentos entre as pessoas humanas e ela. Também adicionam às relações e lutas de defesa da floresta do TI Araribóia uma (re) construção dessa noção.

Este trabalho analisa atuações de defesa da floresta e do território realizadas pelo povo indígena Tentehar da Amazônia maranhense, Brasil, em movimentos denominados Guardiões da Floresta. O objetivo é investigar como o referido povo (lideranças, guardiões e guardiãs da floresta) aciona a defesa do território e da natureza em contextos de contatos e tensões com projetos diversos que adentram/invadem seu território.

Os dados aqui expostos são resultados de pesquisa mais ampla realizada no doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. Além desta introdução, este artigo é composto por mais três tópicos. Na seção seguinte descreve-se a metodologia utilizada para a recolha dos dados apresentados. Em seguida, apresenta-se alguns dos resultados da pesquisa, bem como breve discussão deles. Por fim, realiza-se as considerações finais.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para recolha dos dados é baseada numa proposta de pesquisa multissituada (Marcus, Fischer, 1999) e virtual (Kozinets, 2014). Essa proposta de pesquisa permite acessar um amplo conjunto de dados de organizações indígenas, indigenistas e demais parceiros dos tentehar e seus movimentos, o que possibilita a compreensão de um conjunto de relações que perpassam o contexto das atuações dos movimentos, lideranças e povo Tentehar em suas interlocuções com agentes diversos.

Sobre questões teóricas, realizou-se pesquisa bibliográfica em autores que problematizam a categoria natureza e a politização dela (De La Cadena, 2019; Descola, 2023;



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Latour, 2019). Os dados empíricos foram coletados em depoimentos *on-line* e em ações realizadas pelo povo Tentehar e pelos Guardiões da Floresta, entre 2019 e 2024, sobre conflitos e violências no TI Araribóia. São depoimentos disponíveis no site da organização Survival International, no canal do coletivo Mídia Indígena, no You Tube, e nos perfis da Associação *Ka'a Iwar*, do coletivo Mídia Indígena, da Coapima, de Sonia Guajajara, no Instagram.

Realizou-se observação *in loco* na assembleia do grupo Guardiões da Floresta, no ano de 2020, em que foi possível coletar relatos sobre as ações de monitoramento do território empreendidas pelos guardiões. Observou-se, em ambientes virtuais, as ações da denominada *Jornada Sangue Indígena: nenhuma gota mais*, em 2019, e os depoimentos dos guardiões Laercio Guajajara, disponível no site do movimento Survival International, e de Olimpio Guajajara, disponível no canal *El País*, no You Tube.

Também utilizadas fontes documentais na recolha de dados, como notas da Associação indígena *Ka'a Iwar* dos Guardiões da Floresta, notícias disponíveis no site do Cimi, produzidas entre 2020 e 2023, da rede Mongabay, da organização Survival e do ISA. Como também, os relatórios Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil, com dados de 2019 a 2022, do Cimi, e o relatório Boletim Sirad Isolados - Anual 2022, do ISA.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os movimentos tentehar estão os grupos de mulheres e homens, lideranças políticas e guardas florestais autodenominados Guardiãs da Floresta e Guardiões da Floresta, que constroem ações e agendas de fiscalização e defesa no e a partir do território, articulando a luta desde as aldeias e limites territoriais a outros espaços de reivindicação, negociação e construção de ações.

Esses movimentos indígenas acionam uma perspectiva de proteção da floresta e desenvolvem ações práticas de defesa e monitoramento. Essa é a principal agenda de luta do povo Tentehar e dos Guardiões da Floresta e Guardiãs da Floresta, conforme expõe o trecho a seguir, relatado por Laercio Guajajara, um dos guardiões do TI Araribóia.

[...] Se a nossa terra, nossa floresta sumir, o que vai ser do meu povo, da nossa cultura, da próxima geração que está vindo, estão crescendo? É muito preocupante para nós essa situação. Porque se nós não tivermos nossa floresta, as nossas caças vão embora. *Tudo vai acabar*. Vai acabar a chuva, o ar puro e a saúde, porque *a nossa saúde está dentro da floresta também, nas árvores, nas frutas*. É dali que a gente tira a nossa saúde, do *natural* (Eu só..., 2021).



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

O trecho aponta para a preocupação dos tentehar com as invasões e destruição da floresta. Os tentehar se qualificam como *ka'aiwar*, que significa povo da floresta. Assim, a proteção e defesa, empreendida pelos tentehar, é elemento fundamental tendo em vista que a floresta é primordial para a continuidade do modo de vida do povo. Como afirma Laercio, é da floresta que os tentehar alimentam sua cultura, seus corpos, sua saúde, sua vida. Vale destacar que Laercio refere à floresta como o natural, de onde retiram sua saúde, alimento e ar puro.

Nesse sentido, sobre a defesa da floresta contra invasões e sobre outras violências (como ameaças, assassinatos, extração ilícita de madeira etc.) cometidas contra o povo e o território, Laercio afirma: “(...) *nós vamos continuar resistindo até o último guerreiro*. Enquanto nós tivermos um guerreiro dentro da floresta nós não vamos desistir” (Eu só..., 2021). Guerreiro ou guerreira são modos que os próprios tentehar utilizam para se referir aos guardiões e guardiãs que lutam pela proteção florestal e territorial no TI Araribóia.



Figura 1 – Guardiões da Floresta em frente à casa de reuniões da Aldeia Juçaral, TI Araribóia, set. 2023.  
Fonte: Ingrid Barros/Mongabay, 2023.

Os *Relatórios Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil*, do Cimi, mostram que entre os anos 2000 e 2019, foram assassinados cerca de 47 indígenas do povo Tentehar, no



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

estado do Maranhão. Somente no TI Araribóia, foram 18 assassinatos no período considerado (Cimi [2020]). Em 2019 foram sete casos registrados pelo Cimi no estado, três deles em Araribóia. Em 2020, o Cimi registrou três casos de assassinatos de indígenas no estado, um deles no TI Araribóia. Em 2022 foram cinco mortes de indígenas no Maranhão e três delas foram de pessoas tentehar de Araribóia. Em 2023 foram quatro assassinatos e três sobreviventes em atentados no Araribóia.

As lideranças tentehar relatam constantes ações de invasões de madeireiros, com abertura de ramais ilegais dentro do TI. Os relatos foram confirmados pelo monitoramento do Sirad-I, do ISA, que, ao longo do ano de 2022 identificou por imagens de satélite 195 hectares de desmatamento no território. Dados do relatório do ISA (2023, p. 11) apontam que “essa quantidade de área degradada corresponde a aproximadamente 105 mil árvores adultas derrubadas”.

Conforme Shiraishi Neto (2023, p. 70), a Constituição Federal (CF) de 1988 ordenou e estruturou um “sistema integral e plural de proteção da Natureza no Brasil”, porém, apesar da normativa, esse sistema é moldado para corresponder aos interesses da economia de mercado, transformando o que o autor denominou de sociobiodiversidade em mercadoria no contexto de uma ordem econômica neoliberal. O autor afirma que, nesse contexto, “a relação entre a sociedade e a Natureza no Brasil, [passou a ser] orientada pelos interesses econômicos de um poder global difuso” (p. 71), subordinado a demanda de empreendimentos madeireiros, garimpeiros ilegais, grileiros, sojicultores, pecuaristas que, como nota o autor, estão vinculados ao capital internacional.

Segundo depoimentos de lideranças indígenas tentehar, a causa dos avanços do agronegócio e dos madeireiros sobre o TI Araribóia é a ausência de fiscalização efetiva e eficiente por parte dos órgãos federais, Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Assim, o trabalho realizado pelos Guardiões da Floresta, monitoramento do território e proteção das florestas, cobre uma demanda que, constitucionalmente, é atribuição do Estado, mas que de fato não se concretiza de modo satisfatório. Portanto, o território é o ponto central das lutas dos tentehar, é a partir dele, nele e para ele que todas as relações convergem.

Cumprido destacar que existem muitas fazendas nas proximidades das fronteiras do TI, das quais, conforme dados da rede Mongabay (Mendes, 2024) muitas praticam atividades que



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

danificam o ambiente ou violam as leis e regulamentos ambientais, são casos de desmatamento ilegal em áreas protegidas, como nas nascentes e margens do rio Buriticupu. Em 2023 foram registrados desmatamentos irregulares nas nascentes do rio, que ficam no exterior do TI, e em fazendas que se localizam em suas margens, utilizadas para criação de gado.



Figura 2 – Área desmatada às margens do rio Buriticupu, 2024.

Fonte: Associação Indígena Ka’aiwar de Guardiões da Floresta do TI Araribóia/Mongabay, 2024.

O ancião indígena José Maria Guajajara contou como foram sendo construídas as fazendas e a chegada dos fazendeiros nas proximidades da aldeia Wyrataymira, onde ele e sua família moram. Primeiro chegaram forasteiros que tomaram o controle da área e montaram plantações, depois disso, esses forasteiros venderam as terras para criadores de gado. Os dados analisados pela rede Mongabay indicam desmatamento de 6,5 hectares ao lado da referida aldeia entre junho e julho de 2016, possível momento da construção das fazendas. Sobre os processos de construção de fazendas, o Cimi fornece a seguinte descrição:

Muitas vezes, as queimadas são parte essencial de um esquema criminoso de grilagem, em que a “limpeza” de extensas áreas de mata é feita para possibilitar a implantação de empreendimentos agropecuários, por exemplo. De modo resumido, assim funciona esta cadeia: os invasores desmatam, vendem as madeiras, tocam fogo



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

na mata, iniciam as pastagens, cercam a área e, finalmente, com a área “limpa”, colocam gado e, posteriormente, plantam soja ou milho (Cimi, 2020, p. 8).

Tais atividades fornecem pistas da pressão do agronegócio e da exploração madeireira no TI. Nessa direção, os dados levantados revelam a apropriação do território, da floresta e de outras coisas mais, e as violências contra as pessoas, corpos-territórios, corpos e territórios, mas também violência contra as identidades, histórias, experiências, existências. A partir do contexto delineado analisamos que os tentehar buscam retomar o seu território denominado ancestral e a sua política de relação com ele.

De acordo com Stengers (2023, p.166), “[...] o termo ‘retomar’, tal como usado por ativistas estadunidenses, se refere a operações de cura que se reapropriariam daquilo de que fomos separados, recuperando ou reinventando aquilo que a separação destruiu [...]”. No contexto dos tentehar, a retomada parece tratar-se daquilo que os processos de colonização e colonialidade os separou ou destruiu através de suas ações e violências. No entanto, não se trata de uma separação que tenha levado à perda de sua capacidade de sentir, apreciar e viver conectados com o território.

Os tentehar, organizados no grupo Guardiões da Floresta, criado em 2007, realizam ações de proteção do território, que eles denominam ancestral, para combater invasões de madeireiros, caçadores e outros criminosos. Em nota à ONG Survival os guardiões descrevem o trabalho que realizam: “nós patrulhamos a floresta, localizamos os madeireiros, destruimos seus acampamentos e os expulsamos. A gente já combateu muita invasão de madeireiros. Está funcionando” (Guardiões da Amazônia, 2018).

Entre as ações realizadas pelos guardiões tentehar estão as de monitoramento nos limites e dentro do território, sobretudo ao norte, região de grande incidência de entrada não autorizada de madeireiros, por ser local de densa floresta, onde estão os Awá-Guajá, considerados isolados, cujos desmatamentos os ameaçam. Os Guardiões da Floresta organizam expedições em que partem em grupos, em suas motocicletas floresta adentro e, ao encontrarem as estruturas construídas para ação dos madeireiros, realizam apreensão de caminhões, motosserras, madeira serrada, armamentos etc. Quando possível eles destroem acampamentos não autorizados de extração de madeira.

Em notícia de maio de 2018 a organização Survival narrou uma ação de campo em que os Guardiões da Floresta queimaram um caminhão carregado de estacas de madeira encontrado



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

no território. Segundo a notícia veiculada pela ONG, os guardiões enviaram uma filmagem do caminhão queimando e carregado de madeira cortada ilegalmente à Survival International, juntamente com a mensagem: “Por favor mostre ao mundo a realidade que enfrentamos. Sabemos que é perigoso e que temos inimigos, mas agora não é o momento para se esconder. Queremos que vocês divulguem isso ao mundo para que possamos continuar a proteger nossa floresta” (Guardiões da Amazônia, 2018).

Em suas ações os guardiões confrontam os invasores, ocorrendo inclusive enfrentamentos físicos. Trata-se de um contexto de violações dos direitos indígenas ao território, como temos visto, caracterizado por uma série de atos de violência: invasões, desmatamentos, ameaças, assassinatos, coação física, intimidação, lesão corporal etc.



Figura 3 – Área desmatada em fazenda nas proximidades do território Araribóia, nov. 2022.  
Fonte: Associação Ka’aiwar de Guardiões da Floresta do Território Araribóia/Mongabay, 2024.

Os cenários de devastação da floresta e as ações dos guardiões são divulgadas em canais digitais e em redes sociais, em vídeos, fotos e relatos orais produzidos pelos indígenas e por organizações que os apoiam, colaborando com suas ações e organização, como a rede de comunicação Mongabay, a ONG Survival, o Cimi, as redes indígenas Mídia Indígena, Mídia



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Guajajara etc. As paisagens mostram um território em processo que Almeida, Shiraishi Neto e Martins (2005), entre outros, definem como processo de devastação.

Devastação é uma expressão que também aparece nos dados analisados, nas falas de lideranças, quando narram as situações de invasões e realização de atividades econômicas não indígenas por agentes invasores em territórios indígenas. Esta categoria é abordada nos trabalhos de Shiraishi Neto (2023), Almeida, Shiraishi Neto e Martins (2005) e aparece nas discussões de Stengers (2023) e outros autores. São associados a essa categoria processos como os crimes contra pessoas e coletividades indígenas, seus territórios e os chamados recursos naturais.

A organização interna e ações dos guardiões são práticas tornadas possíveis por formas de conhecimentos indígenas, referidos pelas lideranças como conhecimentos ancestrais. Parece tratar-se de um pensamento que fundamenta as práticas e modos de se relacionarem com o território e com o que “os modernos” (Descola, 2023) chamam de natureza e que os indígenas também aprenderam a chamar de natureza.

Em nosso campo empírico, natureza parece referir-se a categorias em movimentos e pode significar coisas diversas, desde os corpos, passando pelos territórios e seus existentes, a realidades espirituais. É relevante frisar que corpos e territórios, ou corpos e naturezas, conforme explicita Sonia Guajajara, para os indígenas são uma coisa só. Assim, podemos encontrar noções de natureza nas falas e projetos indígenas, nos projetos e políticas públicas ambientais do Estado brasileiro, em discursos de lideranças ativistas dos movimentos ambientalistas e de defesa das florestas e do clima, de ONG, entre outras.

Descola (2023, p. 89) afirma que a noção moderna de natureza “é construída pouco a pouco, como um dispositivo ontológico de índole particular, que serve de fundamento à cosmogênese dos Modernos”. Conforme o autor, na cosmologia moderna a concepção de que há uma natureza separada do social é central, e são fundamentais as dualidades cultura/natureza, humanos/não humanos. Trata-se, porém, conforme o autor, de uma ontologia entre outras que se desdobram por diferentes partes do planeta. Assim sendo, não assumimos a ideia de natureza como entendida pelo naturalismo, mas tentando compreender os processos relacionais de construção e reconstrução de noções de natureza pelos tentehar em movimentos.

Em outro depoimento, à Survival International, dessa vez sentado no meio da floresta Araribóia, Laercio expôs:



O que meus parentes querem e que eu quero é só *que a nossa terra seja livre*. Que deixem do jeito que está [apontando para a floresta], nossa floresta em pé. Daqui sai o ar puro para nós respirarmos. A gente ver que o governo coloca na televisão que só falam em agro: ‘agro é isso, agro é aquilo, agro é desenvolvimento, agro é tudo para eles’. Para nós não. Para nós ‘nosso agro’ é nossas caças, nossa floresta [...]. Eu falo: *‘nossa riqueza está aqui dentro da terra*. [...] Para nós, isso é sagrado, *nossa terra é sagrada*. Para eles nossa floresta é feia, não produz nada: ‘o índio não produz, o índio é preguiçoso, o índio não desenvolve’. Para que que vamos desenvolver se *nós já somos desenvolvidos do nosso modo* (Eu só..., 2021).

Quando Laercio confronta a visão do agronegócio sobre a floresta, trata-se mais do que um confronto a esse modelo, pois estabelece uma distinção de um modo de ver e de viver a floresta: “o agro é tudo para eles, para nós não”. Ao afirmar que “nossa riqueza está aqui dentro da terra”, ele se refere a outra riqueza que não a riqueza almejada pelos representantes do agronegócio, mas o ar puro, a chuva, as caças – os animais, outros existentes –, a floresta, a vida. Assim, as relações que analisamos são de outra perspectiva, devastação ambiental, conflitos não indígenas com indígenas etc.

Aos indígenas parece-nos que a noção de desenvolvimento é inadequada. Os discursos indígenas que referem ao desenvolvimento são fragmentos que aparecem em meio às discussões que visam contraditar tal modelo e perspectiva, no contexto das relações de colonialidade e dos projetos ditos modernizadores e de crescimento. Os indígenas lutam para enfrentar tais modelos, talvez propor caminhos alternativos sem que se tenha que continuar a reproduzir modelos e práticas, projetos ditos de desenvolvimento que destroem os existentes que compõem o ambiente, a natureza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão basilar dessa discussão foi refletir sobre atuações de movimentos indígenas tentehar do TI Araribóia, a partir do Maranhão. Os tentehar constroem agendas e ações de luta em defesa do território e da floresta. Tais ações e agendas são marcadas pelas relações com o contexto contemporâneo de crise e emergência climática no planeta. A partir de uma perspectiva tentehar eles sugerem um modo indígena de relacionamento com a floresta e introduzem uma proposta de ação para a proteção dela. Uma perspectiva política do povo da floresta em defesa da floresta.

Os movimentos tentehar Guardiões da Floresta constituem lutas contra as ações dos empreendimentos do capital que atravessam o território em sua pulsão biodiversa, orgânica,



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

física, ancestral e até espiritual. São empreendimentos que devastam árvores, rios, homens, mulheres, crianças e anciãos indígenas, cultura e todos os demais existentes, inclusive aqueles dos universos simbólicos e das crenças. Esses campos estão em aberto para estudos e reflexões que consideram as conexões entre todos os existentes e as diferentes maneiras de ser no mundo, de habitar nele e lhe dar sentido.

Ao construir suas lutas voltando-se para a exposição de sua política da natureza como estratégia na defesa do território, os tentehar contrapõem a lógica de degradação dos recursos florestais pelo regime do capital e das mudanças climáticas no planeta afirmando um modo indígena tentehar de relacionamento com o ambiente físico. Trazer sua política de relacionamento com a natureza, ao mesmo tempo em que a politizam nas relações com as alteridades, constitui estratégia importante na luta, ao afirmar os indígenas como guardiões, o que significa que eles realizam uma demanda global contemporânea de proteção ambiental.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; SHIRAIISHI NETO, Joaquim; MARTINS, Cynthia Carvalho. **Guerra ecológica nos Babaçuais**: o processo de devastação das palmeiras, a elevação do preço de commodities e aquecimento do mercado de terras na Amazônia. São Luís: Lithograf, 2005.

CIMI - Conselho Indigenista Missionário. **Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil**: dados 2019. [São Luís]: Cimi, [2020].

CIMI - Conselho Indigenista Missionário. **Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil**: dados 2020. [São Luís]: Cimi, [2021].

DE LA CADENA, Marisol. Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da “política”. **Maloca. Revista de Estudos Indígenas**. Campinas, SP, v. 2, p. 1 – 37, 2019.

DESCOLA, Philippe. **Para além de natureza e cultura**. Niterói: Eduff, 2023.

EU SÓ quero que a nossa floresta seja livre. [S. l.: s. n.], 06 jan. 2021. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Survival International Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ndu9mDBxdc>. Acesso em: 28 ago. 2022.

“GUARDIÕES DA AMAZÔNIA” interceptam madeireiros ilegais para proteger tribo isolada. *In*: Survivalbrasil. **Notícias**. [s. l.], 22 mai. 2018. Disponível em: <https://www.survivalbrasil.org/ultimas-noticias/11982>. Acesso em: 08 ago. 2024.



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

ISA – Instituto Socioambiental. Boletim Sirad Isolados - Anual 2022. **Instituto Socioambiental**, São Paulo: 2023. Disponível em:  
<https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/boletim-sirad-isolados-anual-2022>.  
Acesso em: 16 ago. 2024.

ISA – Instituto Socioambiental. Terras Indígenas do Brasil - Terra Indígena Araribóia. **Instituto Socioambiental**, São Paulo: [2024]. Disponível em:  
<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3600>. Acesso em: 26 jul. 2024.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. *E-book*.

LATOURETTE, Bruno. **Políticas da natureza**: como associar as ciências à democracia. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

MARCUS, George E.; FISCHER, Michael M. J. **Anthropology as cultural critique**: an experimental moment in the Human Sciences. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

MENDES, Karla. Explosão ilegal de gado no território Arariboia no ano mais mortal para os indígenas Guajajara. *In*: Mongabay. **Artigos**. [Amazonas], 19 jun. 2024. Disponível em:  
<https://news.mongabay.com/2024/06/revealed-illegal-cattle-boom-in-arariboia-territory-in-deadliest-year-for-indigenous-guajajara/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

SHIRAISHI NETO, Joaquim. **Experiências moleculares interpelando o Direito**: anotações sobre uma prática jurídica. São Luís: EDUMA, 2023.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.